

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DE UJI SHŪI MONOGATARI

(Coletânea de Contos de Uji)

Luiza Nana Icimoto

Perfil da obra

*Setsuwa bungaku*¹ (literatura narrativa) é um gênero que, dentro da literatura japonesa, merece destaque principalmente nos séculos XII e XIII, época em que apareceram obras de grande importância como *Konjaku Monogatari* (1ª metade do século XII), *Shinkokin Wakashū* (1205), *Hōjōki* (1212), *Heike Monogatari* (fins do século XII), etc.

Uji Shūi Monogatari, obra do início do século XIII, possui, no total, cerca de 200 histórias (agrupadas em 15 volumes), merecendo especial destaque dentro da literatura do gênero *setsuwa bungaku*, principalmente devido à variedade de histórias nela contidas, o que torna a sua leitura bastante diversificada e dinâmica.

Como vemos na introdução de *Uji Shūi Monogatari*,

“Há histórias da Índia, da China e do Japão. E entre elas há histórias nobres, engraçadas, que causam medo ou pena. ”,²

que vão sendo contadas, aparentemente sem obedecer a nenhuma ordem, apenas ligadas por uma “associação de idéias”³, onde uma história parece, de algum modo, chamar a seguinte.

De uma maneira bem ampla, podemos enquadrá-las em um dos seguintes grupos:

1. narrativas budistas – relato das graças e milagres do Budismo.

2. narrativas mistas (budista/secular) – histórias aparentemente seculares, mas que na realidade encontram-se ligadas às crenças budistas, e histórias que focalizam o lado humano dos bonzos.
3. narrativas seculares – histórias que relatam os aspectos da vida terrena do homem.

Não se sabe ao certo quem é o autor de *Uji Shūi Monogatari*, aceitando-se apenas a hipótese de que tenha sido um intelectual que viveu, presumivelmente, no início da era Kamakura (1192 ~ 1333). De qualquer maneira, precisamos destacar a sua capacidade de selecionar tipos humanos e apresentá-los de uma maneira extremamente inteligente, com caracterizações carregadas de humor e bom senso.

A linguagem pode ser considerada típica do período de Kamakura⁴, porém, o seu estilo despretencioso chegando, por vezes, a se aproximar do coloquial, difere do estilo das obras da época tais como *Heike Monogatari* (fins do século XII), *Hosshinshū* (1212), etc., que possuem uma linguagem mais rebuscada.

A linguagem simples, a maneira clara e concisa de expor os fatos e a tendência do autor em procurar não “enfeitar”, contribuem sobremaneira para tornar *Uji Shūi Monogatari* uma obra relativamente acessível, apesar do imprescindível conhecimento, por parte do leitor, da cultura da época, do Budismo, etc., para a total apreensão do significado de algumas histórias.

Menino-aprendiz e outros

12 (1/12) De como um menino aprendiz⁵ fingia estar dormindo quando preparavam bolinhos de arroz

Era uma vez⁶ um menino-aprendiz que servia em um mosteiro do monte Hiei⁷. Uma certa noite, os bonzos estavam entediados por não terem nada para fazer, quando disse um deles: “Vamos preparar alguns bolinhos de arroz?”

O menino-aprendiz ouviu isso bastante ansioso, mas pensando que não ficaria bem não dormir esperando que começassem a preparar os bolinhos, recolheu-se para um canto e fingiu estar dormindo, enquanto esperava que ficassem prontos. Nisso, os bonzos começaram a se movimentar, parecendo indicar que os bolinhos estavam prontos.

O menino-aprendiz esperava, achando que com certeza o acordariam. Nisso, um dos bonzos o chamou dizendo: “Alô, acorde!” Ele ficou bastante feliz ao ouvir isso, mas achou que se respondesse de imediato ficaria óbvio que estivera à espera da chamada; conteve-se, e fingindo dormir, pensou em responder quando o chamassem de novo. Mas nesse ínterim ele ouviu alguém dizer: “Olhe, não o acorde! O nosso pequeno companheiro acabou dormindo.” O menino pensou: “Que maçada!” e continuou a dormir torcendo para que o chamassem mais uma vez, enquanto ouvia o som ruidoso dos bonzos mastigando e comendo avidamente. Assim, depois de passado algum tempo, não encontrando outra maneira, ele respondeu: “Sim!”, o que levou, naturalmente todos os bonzos a rirem animadamente.

Com essa história aparentemente pura e graciosa, onde um menino-aprendiz, preocupado em tomar uma atitude sensata e adulta, acaba por cair em ridículo, nós nos deleitamos com a ingenuidade infantil. Entretanto, por trás disso podemos ver, implícito, todo um modo de vida que envolvia os mosteiros da época.

Nessa época, aos bonzos estava proibido qualquer relacionamento com mulher, já que esta era considerada algo impuro; sendo assim, os meninos-aprendizes que entravam nos mosteiros como empregados, muitas vezes acabavam por se tornarem muito íntimos dos bonzos.⁸

As histórias de *Uji Shūi Monogatari* têm como personagens homens, mulheres, anciões ou crianças; bonzos, comerciantes, nobres ou ladrões. O autor nos apresenta cada um deles principalmente através de suas ações, sendo que o nome, a posição social, etc., são dados secundários que às vezes nem são citados.

Em contraposição à história acima citada onde há enfoque na infantilidade do menino-aprendiz, em 152 (XII/16) *De como um menino de oito anos indagou Confúcio*, vamos encontrar o enfoque ao lado sagaz de uma criança de oito anos, que pergunta a Confúcio: “Onde é mais longe: o lugar onde o sol nasce ou o Rakuyō⁹?“ Respondeu-lhe Confúcio que é o lugar onde o sol nasce. O menino lhe retruca dizendo que o lugar onde o sol nasce pode ser visto, mas que ele nunca vira Rakuyō; portanto que Rakuyō é mais longe.

Confúcio considera bastante lógico tal raciocínio e admira-se com a esperteza da criança.

Para ilustrar o complexo interior de um homem portador de um defeito físico, encontramos a história do bonzo que possuía um

enorme nariz, de aproximadamente 15~18 cm, 25 (II/7) Sobre o bonzo com um longo nariz¹⁰.

O nariz tão longo, além de ser algo extremamente desagradável aos olhos das pessoas, atrapalhava sobremaneira na hora da refeição. Para que o nariz não caísse dentro da comida, havia um criado que o segurava com um pedaço de madeira, enquanto o bonzo fazia suas refeições.

Certo dia, estando esse criado impossibilitado de servir ao bonzo, um menino-aprendiz que obtivera permissão para permanecer na sala do bonzo por causa da sua graciosidade, ofereceu-se para segurar o nariz. O pequeno era tão ou mais jeitoso do que o criado, mas para a infelicidade do bonzo, o garoto acaba espirrando, fazendo com que suas mãos balançassem. O resultado não podia ser outro: o nariz cai em cheio dentro da vasilha, espirrando toda a comida no rosto de ambos.

O bonzo, enfurecido, repreende severamente o menino e pergunta-lhe se teria acontecido o mesmo acidente se ele estivesse segurando o nariz de uma pessoa mais importante. O menino responde-lhe ironicamente que, se houvesse no mundo uma só pessoa possuidora de um nariz como o dele, iria segurá-lo com todo o prazer. As pessoas, ao redor correram a se esconder e a rir do pobre bonzo.

Temos patente aqui o problema da falsidade humana vista de dois lados opostos: o bonzo que se fingia indiferente ao tamanho do nariz, mas que, no íntimo, sofria muito por isso, acaba no final por revelar todo o seu complexo, e dirige-se ao garoto utilizando-se de uma linguagem bastante agressiva que não condiz com a de uma pessoa da sua posição social. Por outro lado, as pessoas que o cercam e o tratam com todo o respeito, deixam escapar, nesse momento, toda a verdade íntima que não ousavam revelar diretamente. O garoto, então, nada mais faz do que revelar essa verdade, sem rodeios e falsidades.

Um outro episódio a destacar seria a história 77 (V/8) *Sobre o rapaz que não era filho legítimo do pai*. Apesar da evidência da ilegitimidade de sua paternidade, um rapaz, não se conformando, procura o auxílio de um antigo criado de seu pai. Ele, ao ser chamado, encontra-se com o rapaz e começa a chorar copiosamente. Mais do que qualquer outra coisa, essa reação do criado leva o rapaz a se convencer da sua semelhança com o pai e da consequente legitimidade. Reúne, então, algumas pessoas da sua relação e, diante delas, pergunta ao antigo criado por que havia chorado ao encontrar-se com ele. Para maior decepção e embaraço do rapaz, o velho diz que o que

o comovera profundamente era o fato de ao ver o “eboshi”¹¹ negro do rapaz, ter tido a sensação de estar revendo o velho senhor, pois, tratava-se de um “eboshi” idêntico ao dele.

O rapaz, extremamente embaraçado, indaga-lhe o que mais lhe fez lembrar do pai, e o criado lhe responde que além disso, não havia mais nada que se parecesse com o falecido senhor. As pessoas ao redor, vão saindo um por um com um sorriso irônico nos lábios.

O problema da auto-afirmação é focalizado aqui de uma maneira bastante humorística, com trechos que lembram o melodrama: o velho criado vê surgir o “eboshi” idêntico ao do antigo senhor e começa a chorar copiosamente “a ponto de encharcar de lágrimas as mangas da roupa.”

Quem procura “sarna para se coçar”, encontra, poderia ser a moral desse episódio. O rapaz pensava ter encontrado uma boa testemunha para provar a legitimidade de sua paternidade através do antigo criado, pessoa que não se duvidava quanto à honestidade, mas este acaba exatamente colocando-o numa situação tal que vem, ao contrário, reforçar a sua ilegitimidade.

Esta é apenas uma amostra mínima da variedade de tipos humanos encontrados dentro de *Uji Shūi Monogatari*, alguns se destacando pela sua nobreza e sabedoria, outros pela esperteza ou traquinagem. Encontramos em cada episódio os vários personagens expondo as várias facetas do comportamento humano diante de variadas situações.

A grande parte dos personagens de *Uji Shūi Monogatari* são anônimos; quando são identificados, na maioria das vezes, são nomes que aparecem somente nessa obra sem registros em qualquer outra. Assim, o interesse do autor parece estar apenas em nos apresentar os fatos, apesar do tom irônico que se nota em certas ocasiões; não há, por parte dele, o interesse em criticar ou apoiar determinado comportamento, mas apenas em nos mostrar os personagens e seus vários comportamentos. Os personagens de cada episódio aparecem deixando-nos cada um uma impressão diferente. Em *Uji Shūi Monogatari* não há herói ou anti-herói. Todos aparecem, agem e partem como simples seres humanos.

O autor mostra-se também bastante tolerante diante de qualquer situação, onde sempre paira um clima de perdão e condescendência numa tentativa, talvez, de tentar melhor compreender e crer mais no Homem.

NOTAS:

- (1) Ver *Setsuwa Bungaku*, Hisamoto Shimazu, *Nihon Bungaku Daijiten*, ed. Fujimura Tsukuru.
- (2) Os trechos citados de *Uji Shūi Monogatari* foram retirados de: *Uji Shūi Monogatari*, *Nihon Koten Bungaku Zenshū*, ed. Shōgakkan, 1978.
- (3) Katsumi Masuda, *Chūseiteki Fūshika no Omokage – Uji Shūi Monogatari no Sakusha*, in *Bungaku*, vol. 34, ed. Iwanami, 1966.
- (4) Etsuji Nakajima, *Uji Shūi Monogatari/Uchigikishū Zenchūkai*, ed. Yūsei-dō, 1970.
- (5) *Chigo* – meninos (geralmente de família da classe média/alta) que entravam para os mosteiros a fim de servir os bonzos, e ao mesmo tempo, aprender os costumes monásticos, daí a razão do termo menino-aprendiz, aqui empregado.
- (6) Quase a totalidade dos episódios de *Uji Shūi Monogatari* têm início: *ima wa mukashi* (atualmente já se tornou passado), *koremo ima wa mukashi* (esta /história/ também agora já se tornou antiga), *mukashi* (antigamente) ou *koremo mukashi* (esta /história/ também já se tornou antiga), que em termos gerais corresponde ao nosso: “Era uma vez. ”, “Há muito tempo atrás. ”
- (7) Monte Hiei – monte que fica a nordeste de Kyōto, onde se encontra localizado Enryaku-ji, templo principal da seita Tendai do Budismo.
- (8) Cf. 6 (I/6) *De como o chūnagon Morotoki investigou o símbolo sexual de um bonzo*, 13 (I/13) *De como um menino-aprendiz do campo chorou ao ver despetalarem-se as flores de cerejeira*, 78 (V/9) *Sobre o sumo sacerdote de Mimurodo e o sumo sacerdote de Ichijō-ji*.
- (9) Antiga capital da China.
- (10) Existe uma versão moderna, *Hana* (1916), escrita por Ryūnosuke Akutagawa.
- (11) *Eboshi* – uma espécie de chapéu, de pano ou de papel pintado com laca japonesa.

7

BIBLIOGRAFIA:

1. KUBOTA, Jun e KITAGAWA, Tadahiro (org.) – *Chūsei no Bungaku*. Tóquio, ed. Yūhikaru, 1976.
2. MASUDA, Katsumi – *Chūseiteki Fūshika no Omokage – Uji Shūi Monogatari no Sakusha*, in *Bungaku*, vol. 34, Tóquio, Iwanami, 1966.

3. MILLS, D. E. – *A Collection of Tales From Uji – A Study and Translation of Uji Shūi Monogatari*. Cambridge at the University Press, 1970.
4. MIYATA, Masako – *Uji Shūi Monogatari – Kōsei to Sono Sekai*. In *Kokugo Kokubun*, vol. 43, Kyōto, ed. Chūōtoshō, 1974.
5. NISHIO, Koichi – *Setsuwa to Setsuwa Bungaku*. In *Kokugo to Kokubun-gaku*, vol. 12, ed. Shibundō, 1975.
6. NISHIO, Koichi e WATANABE, Tsunaya – *Uji Shūi Monogatari Kaisetsu*. *Nihon Koten Bungaku Taikei*, vol. 27, Tōquio, Iwanami, 1977.